

No encerramento das jornadas da JNICT

MARIANO GAGO LAMENTOU A "CEGUEIRA DE NÃO SE INVESTIR NA INTELIGÊNCIA NACIONAL"

As Jornadas nacionais de investigação científica e tecnologia, que ontem terminaram em Lisboa, após cinco dias de debates, permitiram pela primeira vez aos cientistas e tecnólogos portugueses juntarem esforços no sentido da definição de programas de acção capazes de mudar a face do País — afirmou o presidente da JNICT na cerimónia de encerramento.

Falando perante centenas de participantes e na presença do Primeiro-Ministro, o professor Mariano Gago disse que estão reunidas agora condições para avançar no campo científico e tecnológico e prometeu que -do trabalho que vai continuar sairão a curto prazo programas dinamizadores executáveis imediatamente-.

Para financiar o programa mobilizador que reunirá os programas dinamizadores dos vários campos da ciência e da tecnologia, a JNICT (Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica) dispõe este ano de 1,59 milhões de contos, a retirar de um orçamento global de 2,364 milhões de contos que lhe foi atribuído através do PIDDAC do Ministério do Plano.

Inicialmente, o orçamento proposto pela JNICT ao Governo atingia os 6,4 milhões de contos, verba que acabou por ficar reduzida a pouco mais de um terço.

Esse corte orçamental obrigou a Junta a suprimir os 950 000 contos previstos para a criação de infra-estruturas laboratoriais e os 2,5 milhões de contos necessários ao reforço e à regionalização de grandes infra-estruturas comuns, como oficinas, meios de cálculo e centros de documentação.

Crescimento modesto

Embora reconhecendo que nos últimos três anos houve algum crescimento nas verbas

públicas destinadas à investigação, Mariano Gago frisou que, em termos reais, tal crescimento foi modesto, -sendo indispensável promover, desde já, a sua aceleração sob pena de se tornar pouco eficaz o esforço desenvolvido-.

O nível de recursos afectos à investigação científica, cerca de 0,4 por cento do PIB, coloca Portugal na cauda da Europa e, segundo Mariano Gago, essa situação -exprime com nudez a cegueira crónica de não se investir hoje na criação e na inteligência nacionais como forma de gerar riqueza futura-.

Apesar de tudo, e daí o optimismo revelado pelo presidente da JICT, em relação às possibilidades de alteração deste estado de coisas, existem sinais de mudança que se traduzem em situações como a do regresso a Portugal de cientistas que, por falta de condições no nosso país, se haviam fixado no estrangeiro para desenvolver o seu trabalho. De acordo com a investigadora Maria de Sousa, do Instituto Abel Salazar, a imunologia é uma das áreas em que tal movimento já se está a registar.

Referindo-se concretamente as jornadas ontem encerradas, Mariano Gago disse que elas traduzem um movimento -fundado no desejo de cultura e de universalismo, na ambição de criar e de vencer, na exigência de qualidade e na garantia de persistência, dedicação e tenacidade- que animam todos os que participaram nos trabalhos.



Mariano Gago, presidente da JNICT, no encerramento das jornadas que reuniram em Lisboa os cérebros mais criativos do País

“O programa mobilizador da ciência e tecnologia assenta nesse movimento social e cultural sem precedentes de que as jornadas foram inequivocamente expressão”, concluiu.

A responsabilidade do Estado

No final da sessão de encerramento das jornadas falou o Primeiro-Ministro. Cavaco Silva, que disse ter Portugal assumido ao entrar na CEE o compromisso de contribuir para a construção da Europa da tecnologia.

Referindo-se à existência de um elevado número de investigadores jovens em Portugal, o que o leva a acreditar que a aposta pode ser ganha, o Primeiro-Ministro diria que essa riqueza cultural e humana -dá ao Estado responsabilidades de que nem sempre teve a devida consciência e que não

podem mais ser negligenciadas-.

“Portugal não pode dar-se ao luxo de desperdiçar os contributos de alguns dos seus melhores valores intelectuais e não será por inação do Governo que isso acontecerá”, disse Cavaco Silva depois de referir que até agora muitos cientistas, por falta de motivação e integração no espaço nacional, têm exercido a sua actividade alheados das necessidades reais do País.

Como meta ideal a atingir, o chefe do Governo apontou a duplicação até 1990 do número de investigadores e das despesas com investigação científica de modo a atingirem, pelo menos, 1 por cento do PIB, já que, disse, -ninguém ignora hoje, e o Governo muito menos, que existe uma forte ligação entre o desenvolvimento científico e tecnológico e o desenvolvimento económico e social de qualquer país-.

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Investigação científica
Jornadas